

A leitura segundo Sartre

The reading through the Sartre's point of view

por [Clarice Fortkamp Caldin](#)

Resumo: Expõe o pensamento sartriano a respeito da leitura: um exercício de liberdade, um pacto de generosidade, um engajamento no mundo. Aponta a exigência do autor e do leitor quanto à continuidade da escrita e da leitura. Mostra como Sartre privilegia o leitor e sua consciência imaginante, pois, para o filósofo, o texto só se concretiza no momento da leitura, quando o leitor lhe confere sentido estético. Apresenta a capacidade do leitor em conjecturar sobre o texto, realizando antecipações; tal é possível pelas lembranças e percepções comuns; assim, em Sartre, o tempo é histórico. Menciona a idéia sartriana sobre a prosa ser uma objetividade criada pela consciência a partir de um corpo. Indica o processo de descentramento no ato da leitura, que acontece tanto na produção, quanto no desvelamento do objeto literário; dessa maneira, a leitura transcende o texto. Infere, pela análise de extratos literários selecionados do livro *Que é a literatura*, que a leitura pode ser considerada um fenômeno temporal, corporal, descentrado, transcendental.

Palavras-chave: Leitor; Leitura e criação dirigida; Leitura, fenômeno temporal; Leitura, fenômeno corporal; Leitura, fenômeno descentrado; Leitura, fenômeno transcendental.

Abstract: It exposes thought Sartre's think and point of view about the reading: one practice of freedom, one pact of generosity, one engagement in the world, one guided creation. Points to the requirement of the author and the reader as to the continuity of the writing and reading. Shows how Sartre focuses the reader and the imaginative consciousness, therefore, for the philosopher, the text comes into being only at the time of reading when the reader gives it aesthetic. Displays the reader's conjecture on the text, making advances; it is possible for the memories and perceptions common; so in Sartre, the time is history. Sartre mentions the idea of the prose is an objectivity created by the consciousness from one body. Indicates the process of decentralization in the act of reading, which happens in the production, the unveiling of the literary object; in this way, reading beyond the text. It says by the analysis of literary work extracts of the book *What is the literature*, the reading can be considered one temporal phenomenon, corporal phenomenon, decentralised phenomenon and transcendental phenomenon.

Keywords: Reader; Reading-guided creation; Reading and temporal phenomenon; Reading and corporal phenomenon; Reading and decentralized phenomenon; reading and transcendental phenomenon.

Introdução

Esse artigo pretende analisar o pensamento *sartriano* a respeito da leitura, inferindo que a mesma pode ser entendida como um fenômeno temporal, corporal, descentrado e transcendental. O ponto de partida para as argumentações a respeito da leitura é o livro *Que é a literatura?*, obra em que Sartre expõe a literatura como posicionamento no mundo, e o escritor como um falador que se engaja na obra para provocar o leitor. Cabe a esse último, por meio da imaginação, desvendar o texto com a liberdade que lhe é garantida no exercício da leitura.

Assim, no ato da leitura existe uma cumplicidade entre o leitor e o autor, que [Jean-Paul Sartre](#) chama de pacto de generosidade. Nesse pacto, o leitor tem função primordial, pois trafega com desenvoltura no texto, ora interpretando-o, ora realizando previsões sobre ele, ora lapidando-o com prazer – de tal forma que se configura como o responsável pela criação do objeto literário, muito embora tal objeto seja produzido pelo autor.

A leitura segundo Sartre

Pacto é um contrato, um ajuste entre duas ou mais pessoas. Como o escritor não escreve para si, mas para o outro, ele tem, implícito, um contrato com esse outro e, então, é como um pacto que [Sartre](#) (2004, p. 46) define a leitura:

a leitura é um pacto de generosidade entre o autor e o leitor; cada um confia

no outro, conta com o outro, exige do outro tanto quanto exige de si mesmo. Essa confiança já é, em si mesma, generosidade: ninguém pode obrigar o autor a crer que o leitor fará uso de sua liberdade; ninguém pode obrigar o leitor a crer que o autor fez uso da sua.

Nesse pacto de generosidade entre autor e leitor, ambos se entregam ao texto e realizam exigências. O leitor exige que o autor escreva novamente, e o autor exige que o leitor experimente sua liberdade. Contudo, esse contrato sartriano da leitura implica em transcender o corpo do texto em favor da imaginação do leitor. Por que tal pacto favorece o leitor? Porque, na visão de [Sartre](#) (2004, p. 35) “o objeto literário é um estranho pião, que só existe em movimento”; destarte, “para fazê-lo surgir é necessário um ato concreto que se chama leitura, e ele só dura enquanto essa leitura durar”; continua o pensador: “fora daí, há apenas traços negros sobre o papel”; assim, “ler implica prever, esperar”, e “os leitores estão sempre adiante da frase que leem.”

O que significa isso? Que Sartre entronizou o leitor, ou seja, ele transformou o leitor em regente do texto literário. No pensamento sartriano, o texto só adquire sentido estético quando o leitor, pela sua consciência *imaginante*, cria um significado para as frases. Por polir o texto com sua imaginação criadora, pode o leitor arvorar-se em criador e, dessa feita, atuar como regente do texto literário, ou, dito de outra maneira: como o artista se confunde com a obra, é o olhar imaginante do leitor que se responsabiliza pela criação. Ou, ainda, como lembra [Ouriques](#) (2008, p. 24), “os olhos do leitor seriam marcas de filtro, de busca, de interpretações.”

Além disso, o filósofo tem como certa a capacidade do leitor de prever e conjecturar sobre o texto (*vivencia o futuro*) e a incapacidade do escritor de fazer o mesmo (*posto que escreveu no passado*) – o que é um indício da temporalidade da leitura. Entretanto, em [Sartre](#) (2004, p. 56) o tempo é histórico, tem a ver com o contexto, “as lembranças e percepções comuns”, de sorte que “o escritor fala a seus contemporâneos.”

Dessa feita, um livro emociona ou causa indignação ao leitor quando o mesmo vivenciou os fatos narrados, sejam estes fatos reais ou fictícios. O fundamental é que os valores e costumes apresentados na obra literária tenham sido partilhados por autor e leitor. Por esse motivo, Sartre considera responsabilidade do autor apontar os acontecimentos históricos sem se esconder sob o manto da neutralidade, isto é, ele defende o engajamento do escritor, sua liberdade de opinar, visto que, assim como os acontecimentos, escritor e leitor são históricos, não podendo, então, viver alienados das questões sociais à sua volta.

Isso pode ser observado nas palavras de [Sartre](#) (2004, p. 20): “o escritor ‘engajado’... abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da Sociedade e da condição humana.” Assim, o escritor engajado luta para não ser objetividade, ou seja, revela, no texto literário, as mazelas da humanidade como ele as vê e deseja que o leitor as veja, ou, como disse [Ouriques](#) (2008, p. 20), para Sartre o prosador “é portador de uma visão de mundo situada” e sua produção “se revela impregnada de posicionamentos e escolhas.” A preocupação sartriana com o engajamento se justifica, lembra [Ouriques](#) (2008, p. 42), pelo fato de o filósofo “ter transitado numa das épocas mais conturbada da história, em destaque o período de ocupação nazista” e, dessa forma, “soube retratar a fragilidade, a angústia das pessoas diante de um mundo esfacelado”, cuja única alternativa seria “reerguer-se a partir dos destroços da guerra.”

Como para Sartre o tempo é histórico, o engajamento de prosador se dá com o leitor que vive na mesma época que a sua, e, então, “o escritor engajado não escreve para a posteridade, sua escolha é responder às exigências do tempo presente.” ([Ouriques](#), 2008, p. 44). Por esse motivo, o filósofo considera a prosa como se caracterizando mais pela utilidade do que pela beleza, o que a distingue da poesia. Além disso, para Sartre o texto literário, diferente da pintura ou da música, é especial no

sentido de valer-se da linguagem sempre com uma intenção: a de comunicar algo que incite à ação e não que sirva apenas à mera contemplação ou ao puro êxtase.

Tal se dá porque o artista não considera “*as cores e os sons como uma linguagem*” e, dessa feita, a pintura e a música não exprimem, realmente, a expressão; assim, o pintor “*cria uma casa imaginária sobre a tela, e não um signo de casa*”, visto que “*o pintor é mudo: ele nos apresenta um casebre, só isso; você pode ver nele o que quiser*”; por outro lado, “*o escritor pode dirigir o leitor e, se descreve um casebre, mostrar nele o símbolo das injustiças sociais, provocar nossa indignação.*” (Sartre, 2004, p. 11, 12). Dessa feita, o escritor, ao considerar as palavras como signos, pode domesticá-las, pode utilizá-las como um instrumento de manipulação, pois “*a prosa é utilitária por essência*” e “*o escritor é um falador; designa, demonstra, ordena, recusa, interpela, suplica, insulta, persuade, insinua*” e, portanto, “*temos o direito de perguntar ao prosador antes de mais nada: com que finalidade você escreve?*” (Sartre, 2004, p. 18, 19).

Assim, por valer-se das palavras como meio de persuasão, o escritor se engaja, quer dizer, ele tem um motivo para escrever, ele tem um público a quem deseja atingir. Para o filósofo, não é gratuita a verbosidade do escritor. Embutidas no texto estão a intenção de comunicar e a intenção de modificar comportamentos – portanto, o escritor não é imparcial e utiliza as palavras como armas poderosas de convencimento.

Além do mais, para Sartre, escrever é um trabalho, exige esforço e comprometimento do autor, ao passo que ler é um prazer, o leitor se desvincula de compromissos assumidos com a finalidade de se deliciar com o texto. Sendo trabalho, o escritor labuta para colocar no papel sua subjetividade, ou seja, projeta na escritura suas ideias e seus valores, seu saber consolidado e cristalizado. Por outro lado, o leitor vê o texto como um objeto a ser apreciado e lapidado.

Muito embora respeite a liberdade do leitor em modificar ou não seu comportamento pela leitura, Sartre (2004, p. 50) aposta naquele leitor que se envolve: “*quanto a mim que leio, se crio e mantenho em existência um mundo injusto, não posso fazê-lo sem que me torne responsável por ele*” e “*toda arte do autor consiste em me obrigar a criar aquilo que ele desvenda – portanto, em me comprometer*”; assim, o leitor cria o texto que o autor, generosamente, desvenda. Se o escritor retira a venda que recobre suas palavras e permite que o leitor brinque com elas a ponto de inserir o sentido que lhe apraz, fica a pergunta: ao criar novos significados, o leitor, também, não desvenda o texto?

Segundo Sartre (2004, p. 34), “*à nossa certeza interior de sermos ‘desvendantes’, se junta aquela de sermos inessenciais à coisa desvendada.*” Parece existir, aqui, um paradoxo em Sartre: se somos *desvendantes* e *inessenciais* em relação à coisa desvendada, se não produzimos o ser, como a leitura poderia atingir o leitor? Como o escritor modificaria comportamentos? Afinal, por que escrever? Tal paradoxo tem uma razão de ser: Sartre não separa o operário, o artesão ou o técnico, do prosador, visto considerar este último como alguém que utiliza as palavras de maneira utilitária. Portanto, produção, a seu ver, não é o mesmo que criação. As pessoas produzem, a consciência cria. Assim, o filósofo define o autor como produtor da obra literária, cabendo ao leitor a função desvelante, ou seja, é a consciência imaginante do leitor quem de fato, desvenda o texto. Nesse sentido, o leitor é soberano no texto literário e, portanto, é sua função imaginante que concederá sentido ao lido, ou, como diz Sartre (2004, p. 34): “*a criação passa para o inessencial em relação à atividade criadora.*”

Dito de outra maneira: Sartre considera o papel desvelante do leitor como sendo superior ao papel produtor do autor, e o texto também não adquire relevância, posto que se transformou em objeto – e, portanto, inessencial. Assim, o sujeito-leitor passa à condição de essencial na criação artística posto que a transforma em objeto estético pelos meandros de sua imaginação, por sua consciência desvelante.

Cumpra lembrar que, para Sartre, o ser-em-si, o real, serve apenas de respaldo à imaginação. Assim é que o objeto estético é da ordem da imaginação e não da percepção. Destarte, a leitura seria um objeto (*ser-em-si*), e a consciência do leitor (*para-si*), concederia sentidos a ela. Conquanto acredite que a imaginação esteja apoiada na percepção, e que esta última apenas revele perfis, tem como certo que a imaginação, a partir dos perfis desvelados pela consciência imaginante, organize esses perfis como se os mesmos fossem objetos, uma objetividade estética.

Ainda segundo o pensamento sartriano, o objeto estético está apoiado em um corpo que não é para aquele essencial. É como se a prosa fosse o equivalente da consciência reflexiva, ou seja, diferente de Merleau-Ponty, Sartre defende que a prosa não é obra de um corpo *linguageiro*, mas uma objetividade criada pela consciência a partir de um corpo. Assim, muito embora em Sartre a imaginação do leitor seja primordial no processo estético chamado leitura e o corpo seja uma contingência nesse mesmo processo, é possível observar em Sartre, também, a intercorporeidade e o descentramento na leitura.

Tal se dá porque tanto o autor quanto o leitor valem-se da linguagem e a mesma, segundo [Sartre](#) (2004, 19), *“é nossa carapaça e nossas antenas, protege-nos contra os outros e informa-nos a respeito deles, é um prolongamento dos nossos sentidos”* e, continua: *“estamos na linguagem como em nosso corpo; nós a sentimos espontaneamente ultrapassando-a em direção a outros fins, tal como sentimos as nossas mãos e os nossos pés”*. Infere-se que: ao considerar a linguagem um prolongamento dos nossos sentidos, Sartre está admitindo que a mesma exige um corpo, muito embora não reconheça aí qualquer sorte de origem; e se, segundo [Sartre](#) (2004, p. 22), *“as palavras são transparentes e o olhar as atravessa”*, então a leitura implica valer-se dos olhos da carne e o corpo ocuparia uma posição relevante nesse processo; além disso, se o escritor produz o objeto literário para o outro, para o leitor e este último o desvela porque aceita a fala do outro, do autor, ambos se descentram nesse exercício chamado leitura.

E ainda: se, conforme [Sartre](#) (2004, p. 21), *“a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele”*, *pode-se dizer que isso significa que o autor não se centra em suas ideias, ele as descentra para atingir o outro, pois as palavras são “pistolas carregadas.”* (Brice-Parain apud [Sartre](#), 2004, p. 21) . Já foi observado que o escritor se engaja. Ora, se o prosador se engaja, ele se descentra, haja vista que se preocupa com o outro, com o leitor, pois suas palavras têm a intenção de comunicar algo, de mudar certas atitudes do leitor, de fato, é com essa finalidade que ele escreve.

Já foi observado, também, que para Sartre o leitor prevê e vai além do escrito, realiza uma intervenção no texto, reinventa a obra. Mesmo considerando o leitor como soberano no texto, será que ele apaga completamente a figura do autor? Não, pois [Sartre](#) (2004, p. 38) tem a leitura como *“uma criação dirigida”*, quer dizer, o autor “guia” o leitor, coloca *“balizas”* para o leitor, muito embora estas balizas estejam separadas por *“espaços vazios.”* Portanto, será nesses espaços vazios que o leitor irá inserir sua subjetividade.

Assim, *“uma vez que a criação só pode encontrar sua realização final na leitura, uma vez que o artista deve confiar a outrem a tarefa de completar aquilo que iniciou, ... toda obra literária é um apelo”* e *“o escritor apela à liberdade do leitor para que esta colabore na produção da obra.”* ([Sartre](#), 2004, p. 39). Ora, existem aqui duas assertivas sartrianas: a obra literária precisa tanto do engajamento do autor quanto da liberdade do leitor e ambos – autor e leitor – geram a obra de arte. Portanto, existe uma parceria implícita, um pacto entre o autor e o leitor.

Afirma [Ouriques](#) (2008, p. 43, 44) que, de acordo com o pensamento sartriano, *“ao se dirigir aos corações dos homens, às suas emoções e seu imaginário, o romancista não procura explicitamente impor suas ideias, mesmo tendo sua maneira pessoal de analisar o mundo”*, mas *“acaba intervindo*

junto ao leitor através das vias que lhe são próprias, sugerindo-lhe um pacto” e, assim, espera “sua participação na transformação social”, pois a literatura, para Sartre, “pertence ao plano sociológico, baseia-se em critérios de justiça, liberdade e engajamento” com o intuito de suscitar “a liberdade existente em cada um de nós.”

Muito embora o filósofo não considere o livro como um meio para um fim, quer dizer, o autor não deve valer-se do livro como ferramenta para suscitar emoções no leitor, acredita, contudo, que o livro é uma finalidade em si mesma, qual seja, promover a liberdade do leitor. Isso parece uma contradição. Se o livro não visa a um fim, como poderia visar a liberdade do leitor? Parece que Sartre, no seu afã de destacar a soberania do leitor no texto, tropeçou nas palavras. Parece, também, que ele percebeu o lapso, pois, acrescenta:

A leitura é um exercício de generosidade; e aquilo que o escritor pede ao leitor não é a aplicação de uma liberdade abstrata, mas a doação de toda a sua pessoa, com suas paixões, suas prevenções, suas simpatias, seu temperamento sexual, sua escala de valores. (Sartre, 2004, p. 42).

O autor, portanto, deseja suscitar emoções no leitor; deseja que o leitor, conquanto exerça a liberdade, se envolva com o texto. Como o autor faz isto? Dando ao leitor o “prazer estético”, “a alegria estética.” (Sartre, 2004, p. 47). Assim, a generosidade no ato da leitura implica em descentramento, pois “a alegria estética provém da consciência que tomo de resgatar e interiorizar isso que é o não-eu por excelência” e “envolve uma exigência absoluta em relação a outrem”, haja vista que escrever “é recorrer à consciência de outrem para se fazer reconhecer como essencial à totalidade do ser; é querer viver essa essencialidade por pessoas interpostas.” (Sartre, 2004, p. 49).

Como a leitura não é “uma operação mecânica”, o leitor, se estiver “distraído, cansado, confuso, desatento, a maior parte das relações lhe escaparão”, e “ele não conseguirá fazer ‘pegar’ o objeto (no sentido em que se diz que o fogo ‘pegou’ ou ‘não pegou’)”, pois cabe a ele projetar “para além das palavras”, visto que o “sentido não está mais contido nas palavras”, pois “o objeto literário, ainda que se realize através da linguagem, nunca é dado na linguagem.” (Sartre, 2004, p. 37). Tal acontece, explicita Müller-Granzotto (2005, p.5), porque o objeto literário “não tem outra substância que a subjetividade do leitor” e em Sartre “a obra existe apenas no nível exato das capacidades do leitor.”

Conclusão

Resumindo o pensamento sartriano a respeito da leitura, pode-se dizer que o filósofo, muito embora atribua ao leitor a função *desvelante* do texto, reconhece que “é o esforço conjugado do autor com o leitor que fará surgir esse objeto concreto e imaginário que é a obra do espírito.” (Sartre, 2004, p. 37). Dito de outra maneira: segundo o pensador, o sentido da obra não está contido nas palavras de um livro, é o leitor que introduzirá no texto a significação que lhe apraz. Mas significa também que o autor manteve certos silêncios porque quis, pois, como seu trabalho é subjetivo, ele escolhe, deliberadamente, esconder algumas de suas intenções. Entretanto, muito embora estas não estejam expressas no texto, são sua fala – fala esta que o leitor tem a liberdade de contestar.

Dessa maneira, o pacto entre escritor e leitor funciona como uma rua de mão dupla na qual ambos trafegam respeitando, cada um, seu lado da direção, a sinalização necessária, a visibilidade do caminho, e, assim, sem atropelos, suavemente, dá-se a experiência da leitura – temporal, corporal, descentrada, transcendente.

Referências Bibliográficas

FMüller-Granzotto, Marcos José. Sartre e Merleau-Ponty acerca do “objeto estético”. 2005. Sinopse do Curso de Pós-Graduação em Literatura: Filosofia e Literatura, da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

Ouriques, Débora Regina. Sartre e Merleau-Ponty em torno da noção de objeto estético. 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

Sartre, Jean-Paul. Que é a literatura? Tradução de Carlos Felipe Moisés. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

Sobre os autores / About the Author:

Clarice Fortkamp Caldin

clarice@cin.ufsc.br

Doutora em Literatura. Professora no Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciência da Informação, da Universidade Federal de Santa Catarina